

Brasil sediará o IV Encontro Latino-Americano e Caribenho de Responsáveis de Prevenção de Abusos



Em Brasília, no 28 de novembro de 2025, teve início o processo de organização do IV Encontro Latino-Americano e Caribenho de Responsáveis de Prevenção de Abusos. A reunião preparatória contou com a presença de representantes do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR).

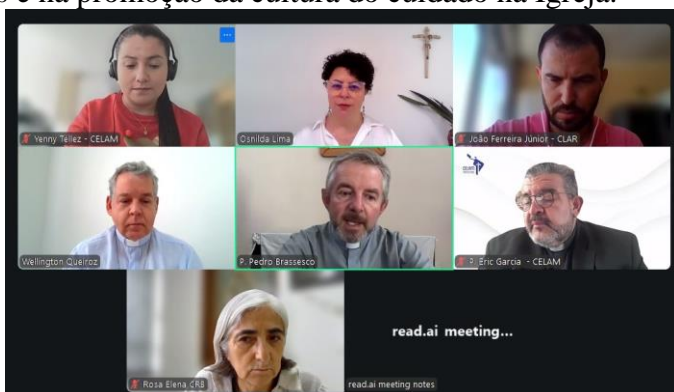
Durante o encontro, foi confirmado que o Brasil será a sede da quarta edição do evento. As datas foram fixadas para os dias 1º, 2 e 3 de setembro, embora a cidade anfitriã e o local específico ainda estejam em fase de definição.

O encontro é organizado pela Rede de Prevenção de Abusos na Igreja da América Latina e do Caribe, uma iniciativa vinculada ao CELAM, nesta edição em parceria com a CNBB e CRB. O objetivo central é fortalecer as políticas e ações para a proteção de crianças, adolescentes e adultos vulneráveis no contexto eclesial.

Caminhada pela cultura do cuidado

A iniciativa dá continuidade a um trabalho iniciado em novembro de 2023, com a criação da Rede Latino-Americana e Caribenha para a Cultura do Cuidado. Desde então, a Rede tem se consolidado como um espaço vital para o intercâmbio de experiências e o fortalecimento do trabalho conjunto entre as igrejas locais.

As edições anteriores do encontro, realizadas no Chile na Colômbia e Porto Rico, foram marcos importantes para o aprofundamento de temas essenciais e para o crescimento do serviço de proteção em cada país do continente. A edição brasileira promete avançar ainda mais na consolidação de ambientes seguros e na promoção da cultura do cuidado na Igreja.



Por Osnilda Lima

Fonte: CNBB

Assembleia Nacional da Pastoral da Criança reúne representantes de todo o Brasil e fortalece missão para o próximo ano

A Pastoral da Criança realizou, entre os dias 25 e 27 de novembro, a sua 32ª Assembleia Nacional, reunindo representantes de todos os estados, além da Coordenação Nacional e do Conselho Diretor. O encontro teve como foco o fortalecimento da missão institucional e a definição conjunta das prioridades para o próximo ano.



Ao longo da programação, os participantes discutiram a atuação da Pastoral da Criança em 2025 e iniciaram o planejamento para 2026. A assembleia também analisou o relatório anual de atividades, que reúne indicadores de acompanhamento de gestantes e crianças de zero a seis anos, dados das ações de acompanhamento nutricional, informações sobre o número de voluntários (líderes), iniciativas de comunicação, entre outros resultados alcançados no período. Outro ponto debatido foi a avaliação das demonstrações financeiras, acompanhada do parecer dos auditores independentes.



Presidente da Pastoral da Criança, dom Frei Severino Clasen, durante plenária da Assembleia Nacional, em Curitiba (PR)

Entre as deliberações aprovadas, estiveram o relatório orçamentário e as metas nacionais para 2026. O plano de ação detalhado para o cumprimento dessas metas será elaborado nos próximos meses, em diálogo com as coordenações estaduais.

A Assembleia também contou com momentos de reflexão e espiritualidade, característicos da missão da Pastoral da Criança como organismo da Igreja Católica. As celebrações eucarísticas foram conduzidas por dom José Antônio Peruzzo, arcebispo de Curitiba (PR); dom Roberto Paz, arcebispo de Campos dos Goytacazes (RJ) e integrante do Conselho Diretor da Pastoral da Criança Internacional; e dom Frei Severino Clasen, arcebispo de Maringá (PR) e presidente da Pastoral da Criança no Brasil. Esses momentos de oração e partilha reforçaram a dimensão comunitária e a inspiração cristã que orientam a atuação da instituição.



Coordenadora Nacional Maria Inês Monteiro de Freitas e o secretário do Conselho Diretor Milton Dantas durante momento celebração eucarística na Assembleia Nacional

A coordenadora nacional, Maria Inês Monteiro de Freitas, destacou a importância da construção coletiva das decisões.

“Foi um momento de reencontro, abraços apertados e, principalmente, de fortalecimento da nossa missão. Junto às coordenações estaduais tivemos momentos de escuta e, assim, traçamos as metas para 2026. Quero demonstrar nossa gratidão a todos que representaram os seus estados e trouxeram muita alegria e esperança para o próximo ano”, destacou a coordenadora.

O coordenador nacional adjunto, padre José Edilson da Silva, explicou que, com a avaliação da assembleia, a Pastoral da Criança traça estratégias para fortalecer a ação nas comunidades.

“*Tudo o que realizamos, fazemos em favor dos nossos líderes e, em especial, às nossas crianças e gestantes. Para que possam, na graça de Deus, ter uma vida saudável*”, concluiu.

Fonte: CNBB

Faleceu o bispo emérito de Marília (SP), dom Osvaldo Giuntini



O bispo da diocese de Marília (SP), dom Luiz Antonio Cipolini, divulgou uma nota sobre o falecimento do bispo emérito da diocese de Marília, dom Osvaldo Giuntini, na tarde deste dia 1º de dezembro. Dom Osvaldo, 89 anos de idade, seguia internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), dom Hospital Beneficente do Hospital de Marília (HBU), em Marília, desde o último dia 13 de novembro.

O funeral ocorrerá na Catedral Basílica de São Bento Abade com previsão para o início da noite deste dia 1º de dezembro. Mais detalhes serão divulgados nos canais oficiais da diocese. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enviou uma Nota de Condolência ao bispo de Marília, aos familiares e amigos de dom Osvaldo.

Nota de Condolência da CNBB

Estimado irmão, Dom Luiz Antonio Cipolini

Recebemos, com pesar, a notícia do falecimento de nosso irmão Dom Osvaldo Giuntini, que por mais de 38 anos serviu à Igreja Particular de Marília (SP) como Pastor dedicado e zeloso pela missão da Igreja e o cuidado pastoral de seu povo.

Dom Osvaldo, como expressa o seu próprio lema episcopal, “Dou-vos a minha vida” (Vitam meam do vobis), doou a sua vida à Igrejas particulares no Regional Sul 1 de nossa Conferência. Dentre os momentos importantes na diocese de Marília, durante seu bispado, está a inauguração do novo prédio do seminário diocesano São Pio X, em 1º de maio de 1996, e a revisão ampla da Pastoral, a partir da qual surgiram propostas para a Ação Evangelizadora das comunidades, pastorais, movimentos e associações.

Confiantes na esperança cheia de imortalidade, unimo-nos em prece a Dom Luiz Antonio Cipolini, aos familiares e a todo Povo de Deus da diocese de Marília e pedimos a Deus que dê a Dom Osvaldo o descanso eterno.

Em Cristo,

Dom Jaime Cardeal Spengler - Arcebispo de Porto Alegre (RS), Presidente da CNBB

Dom João Justino de Medeiros Silva - Arcebispo de Goiânia (GO), Primeiro Vice-Presidente da CNBB

Dom Paulo Jackson Nóbrega de Sousa - Arcebispo de Olinda e Recife (PE), Segundo Vice-Presidente da CNBB

Dom Ricardo Hoepers - Bispo Auxiliar de Brasília (DF), Secretário-geral da CNBB

Trajatória de Dom Osvaldo Giuntini

Dom Osvaldo Giuntini nasceu em São Paulo, em 24 de outubro de 1936, e cursou o 1º e o 2º graus na capital paulista e em São Roque, no Seminário Metropolitano Imaculado Coração de Maria. De 1956 a 1963 estudou filosofia e teologia no Seminário Central da Imaculada Conceição, no Ipiranga, e na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A vocação de Dom Osvaldo teve início quando criança, no primeiro ano da escola. Sendo de família religiosa, depois de fazer a primeira comunhão e de ser orientado para a prática religiosa, sentiu o chamado de Deus, por volta de 1947. “Terminei a quarta série do primário e pedi ao meu pároco, da Paróquia São José de Belém, em São Paulo, que me orientasse para ingressar no seminário”, declarou Dom Osvaldo.

Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 8 de dezembro de 1963. O ministério foi exercido primeiramente na capital paulista e, em seguida, foi pároco das cidades de Salto e Itu. Após a criação da diocese de Jundiaí, Dom Osvaldo foi nomeado pároco da Catedral de Nossa Senhora do Desterro, chanceler do bispado e, posteriormente, Vigário Geral da diocese.

Em 1975, o Papa Paulo VI concedeu-lhe o título de Monsenhor. Seis anos depois, Dom Osvaldo foi para Roma com o objetivo de fazer um curso de atualização em Direito Matrimonial.

No ano seguinte, em 1982, o então Monsenhor recebeu a nomeação de bispo auxiliar. A sagração episcopal ocorreu em Jundiaí, no dia 12 de setembro do mesmo ano. O lema escolhido para o seu episcopado foi “Dou-vos a minha vida” (Vitam meam do vobis). Dom Osvaldo veio a Marília como bispo auxiliar do então bispo diocesano, Dom Frei Daniel Tomasella, e assumiu as visitas pastorais e a coordenação da pastoral diocesana.

Dom Osvaldo Giuntini permaneceu por cinco anos como bispo auxiliar. Em 1987, a pedido de Dom Frei Daniel, Dom Osvaldo foi nomeado bispo coadjutor, com direito à sucessão.

Cinco anos depois, em decorrência da renúncia do bispo diocesano, Dom Osvaldo tomou posse como bispo da diocese de Marília, em 9 de dezembro de 1992. Como bispo diocesano, Dom Osvaldo deu continuidade às iniciativas anteriores, tendo a assessoria dos diversos conselhos diocesanos.

Dentre os momentos importantes da diocese, durante seu bispado, está a inauguração do novo prédio do Seminário Diocesano São Pio X, em 1º de maio de 1996, e a Revisão Ampla da Pastoral na diocese, a partir da qual surgiram propostas para a Ação Evangelizadora das comunidades, pastorais, movimentos e associações.

Outro momento importante que motivou a diocese e todos os cristãos foi a celebração dos 2.000 anos do nascimento de Jesus Cristo e a comemoração do Jubileu de Ouro da Diocese de Marília.

Aos 8 de maio de 2013, o Papa Francisco aceitou a renúncia de Dom Osvaldo para o governo da Diocese de Marília em conformidade com o cânon 401§ 1º do Código de Direito Canônico, passando a ser Bispo Emérito.

Fonte: CNBB

Curso de Organização de Arquivos Eclesiásticos reforça parceria entre CRB Nacional e Arquivo Metropolitano de São Paulo

Por Neusa Santos



O Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva, da Arquidiocese de São Paulo, encerrou na sexta-feira, 28 de novembro, o curso “Organização de Arquivos Eclesiásticos”, realizado no campus Ipiranga da PUC-SP. A formação, iniciada no dia 24, abordou conteúdos da Arquivologia e

orientações para organização, preservação e acesso aos documentos das cúrias, paróquias e comunidades religiosas. As atividades contribuíram para a gestão da memória institucional e para o patrimônio documental da Igreja.



A edição contou com 173 participantes, entre clérigos, religiosos, religiosas e leigos de diversas dioceses e institutos. A programação incluiu aulas com Guilherme Vieira, do Arquivo Público do Estado; Jair Mongelli Júnior, diretor técnico do Arquivo Metropolitano; Andreia Francisco dos Reis; Yara Cristina Gabriel; Tainan Azimovas; Thayame Costa; e Marli Marcondes. Os inscritos também participaram de visitas técnicas às dependências do Arquivo Metropolitano, onde acompanharam documentos originais e observaram rotinas de catalogação e preservação.

Jair Mongelli Júnior informou que os participantes vieram de 19 estados e mais de 50 dioceses, o que demonstra a abrangência do curso. Ele também destacou o interesse pela visita técnica, que possibilita acompanhar o trabalho de preservação documental no cotidiano.

A edição deste ano firmou uma parceria direta com a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), que incentivou a participação de membros responsáveis por arquivos de Congregações e Institutos. A colaboração ampliou o envolvimento da Vida Religiosa na formação e reforçou a atuação conjunta entre CRB Nacional e Arquivo Metropolitano na preservação e na gestão de arquivos eclesiais. A iniciativa também contribuiu para integrar profissionais que atuam em diferentes regiões e realidades da Igreja no Brasil.

Durante a formação, os participantes estudaram princípios da Arquivologia, conservação preventiva, tratamento de arquivos digitais, organização de acervos fotográficos e procedimentos de preservação. A visita técnica permitiu observar práticas de catalogação e manejo de documentos históricos.



O arcebispo de São Paulo, Cardeal Odilo Pedro Scherer afirmou que a preservação da memória da Igreja é um serviço ao povo de Deus e observou que livros sacramentais, registros pastorais e documentos administrativos permitem compreender o percurso histórico da Igreja. “A Igreja não se inventa a cada dia; ela caminha há muito tempo, e essa memória precisa ser guardada”, afirmou.



Com o encerramento do curso, os participantes retornaram às dioceses, congregações e institutos com subsídios para aprimorar a organização, a preservação e o acesso aos acervos sob sua responsabilidade. As ações buscam fortalecer a continuidade da memória e da documentação eclesial em todo o país.

Fonte: CRB

Retiro Arquidiocesano reforça missão catequética e reúne fiéis em quatro Vicariatos



A Arquidiocese de Porto Alegre realizou no sábado, 29 de novembro, o Retiro dos Catequistas com os Bispos auxiliares de Porto Alegre, Referenciais para os Vicariatos. O encontro foi marcado por oração, reflexão e fortalecimento da missão evangelizadora na Igreja. Sob o tema “Trilhando os Caminhos da Iniciação à Vida Cristã”, o momento reuniu catequistas de diversas etapas e lideranças comunitárias nos quatro vicariatos, promovendo um dia de espiritualidade e partilha.

A iniciativa, segundo a irmã Aparecida Barboza, Coordenadora do IVC na Arquidiocese, teve como propósito oferecer um tempo de escuta e convivência fraterna, renovando o compromisso dos agentes catequéticos com o anúncio do Evangelho. A proposta se concretizou com retiros simultâneos, cada um orientado por um bispo referencial, que aprofundou reflexões sobre a Iniciação à Vida Cristã e inspirou os participantes a seguirem firmes na missão.

Condução nos Vicariatos

O dia, vivenciado em um clima de comunhão e alegria, refletiu o papel do catequista como vocacionado, alguém chamado a servir com atenção aos sinais dos tempos, conduzindo catequizandos e famílias a uma experiência viva da fé.

De Guaíba, uma participante resumiu a essência do encontro, ressaltando que “momentos como estes motivam os catequistas, que durante o ano peregrinam por nossas paróquias enfrentando desafios e despertando corações missionários.”

Em Gravataí, o retiro também deixou marcas profundas. Uma catequista destacou a experiência, destacando ter vivido “um retiro abençoado, marcado pela fraternidade e pela reflexão sobre nossa missão. A presença de Dom Bertilo nos ajudou a redescobrir a beleza do nosso chamado. Saímos renovados para servir com amor e testemunhar o Evangelho.”

A irmã Maria Aparecida, avaliou o encontro como um marco de unidade e fortalecimento da pastoral catequética na Arquidiocese. “Este momento renova e revitaliza a fé das comunidades. A catequese, a serviço da Iniciação à Vida Cristã, fortalece nossa identidade eclesial. Agradecemos aos bispos, presbíteros, coordenações e catequistas pelo compromisso e pela alegria de servir neste ministério.”

O retiro alcançou seu propósito de alimentar a fé, fortalecer vínculos e renovar a esperança, deixando um novo impulso missionário para a Igreja que caminha na catequese.

Fonte: Arquidiocese de Porto Alegre

Assembleia Geral Ordinária do CONER/RS

No último dia 26 de novembro, o Conselho de Ensino Religioso do Estado do RS realizou sua 28ª Assembleia Geral Ordinária. Além das prestações de contas da gestão, tanto financeira como administrativa, os conselheiros, autoridades denominacionais e seccionais presentes avaliaram a caminhada da entidade em 2025 e projetaram algumas ações para o próximo ano. Além da necessidade de alinhar as relações com os Sistemas de Ensino no que se refere à oferta do Ensino Religioso na Educação Básica, ficou definida a data da realização do XII Fórum Estadual de Ensino Religioso: será no dia 19 de junho de 2026, na sede da Federação Espírita do RS – FERGS, com o tema da Inteligência Artificial e as inovações pedagógicas no Ensino Religioso. Também ficou definida a data da próxima AGO que será no dia 25 de novembro de 2026, com o lançamento do Ano Jubilar, pois em 2027 o CONER/RS celebrará 30 anos de sua fundação e efetivo funcionamento, pois é o Conselho mais antigo em atividade no Brasil. Prosseguimos na caminhada com muita fé e esperança na efetiva presença e valorização do Ensino Religioso como importante área de conhecimento e componente curricular para a formação básica do estudante.

Fonte: Regional Sul 3 da CNBB

Papa a jovens do Líbano: fazer caridade e dar espaço diário a Deus, como São Charbel

Na praça em frente à sede do Patriarcado de Antioquia dos Maronitas, em Bkerké, Leão XIV encontrou os jovens e pediu para perseverar em Cristo, sobretudo neste "mundo dilacerado por guerras e desfigurado por injustiças sociais" e ser contemplativo como São Charbel: "reservem todos os dias um tempo para fechar os olhos e olhar apenas para Deus". Enquanto fazem o bem, peça para rezar, ler a Sagrada Escritura, participar da missa e permanecer em adoração.

Andressa Collet - Vatican News



No último compromisso oficial desta segunda-feira (01/12), no Líbano, o Papa foi acolhido pelo Patriarca de Antioquia dos Maronitas, o cardeal Béchara Boutros Raï, na praça em frente à sede episcopal do patriarcado da Igreja Maronita no país, em Bkerké, na região nordeste de Beirute. O cardeal deu as boas-vindas a Leão XIV ao seu país, "pequeno por superfície, mas grande pela sua missão, uma terra santa onde Deus quis que se encontrassem Oriente e Ocidente", além de culturas, confissões religiosas e civilizações. Um país que dá as boas-vindas "não com o esplendor dos edifícios, mas com a ternura das suas feridas" e através de uma juventude que deseja construir um novo Líbano, "que abrace as diferentes identidades religiosas e culturais e as fecunde em um espírito de fraternidade

e concórdia. Querem construir um novo Líbano, onde a fé seja uma força operante e o pluralismo se torne uma riqueza, onde a paz triunfe sobre o medo".

Na praça, milhares de jovens se reuniram para ouvir do "Papa da paz" uma palavra de "esperança neste momento difícil em que atravessam", continuou o Patriarca, também agradecendo pela presença de Leão XIV que, ao invés de olhar para os libaneses com dor, o fez com "confiança", na promessa "de um renascimento muito esperado". Após o cardeal Béchara e uma apresentação cênica em formato 5D, o Pontífice ouviu quatro testemunhos de voluntários e jovens, além de duas perguntas direcionada ao Papa.



Um dos momentos do encontro de Leão XIV com os jovens em Bkerké (@Vatican Media)

O Papa da paz

"*Assalamu lakum. Queridos jovens do Líbano, a paz esteja com vocês! Assalamu lakum!*" (A paz esteja convosco!)", começou o Papa em discurso com a saudação de Jesus ressuscitado (cf. *Jo 20, 19*) para sustentar a alegria do encontro, que também "manifesta a amorosa proximidade de Deus". Depois de agradecer a todos pela acolhida, em modo especial "os jovens vindos da Síria e do Iraque, e os libaneses que regressaram à sua pátria vindos de vários países", Leão XIV comentou da importância do dom da escuta, uns dos outros, a começar pelo testemunho de Anthony e Maria, voluntários após a explosão no Porto de Beirute; Elie e Joelle, histórias que "falam de coragem e sofrimento, de esperança na desilusão, de paz interior na guerra".

Na dedicação de Anthony e Maria para com os necessitados, na perseverança de Elie e a generosidade de Joelle, disse o Papa, podemos "reconhecer as nossas próprias experiências, para o bem e para o mal. A história do Líbano é feita de páginas gloriosas, mas também está marcada por feridas profundas, que demoram a cicatrizar. Estas feridas têm causas que ultrapassam as fronteiras nacionais e estão interligadas com dinâmicas sociais e políticas muito complexas":

"Queridos jovens, talvez vocês lamentem ter herdado um mundo dilacerado por guerras e desfigurado por injustiças sociais. Não obstante, há esperança e ela está dentro de vocês! Vocês têm um dom que muitas vezes nós, adultos, parecemos ter perdido. Vocês têm esperança! Vocês têm tempo! Vocês têm mais tempo para sonhar, planejar e fazer o bem. Vocês são o presente e, nas suas mãos, já está se construindo o futuro! Vocês têm o entusiasmo para mudar o curso da história! A verdadeira resistência ao mal não é o mal, mas o amor, o amor capaz de curar as próprias feridas, enquanto se curam as dos outros."



O Papa recordou os jovens que têm o dom do tempo para sonhar e construir a paz (@Vatican Media)

Perseverar na paz é perseverar em Cristo

E o Papa complementou: "queridos jovens, vivam à luz do Evangelho e serão bem-aventurados aos olhos do Senhor!", com a pátria de vocês que "há de florescer novamente bela e vigorosa". Leão XIV deu alguns direcionamentos a tal propósito, respondendo às perguntas dos jovens. Para quem questionou "onde encontrar o ponto de apoio para perseverar no compromisso pela paz", o Pontífice falou "do perdão, que vem da justiça, que é o fundamento da paz" e não de interesses partidários:

"Caríssimos, esse ponto de apoio não pode ser uma ideia, um contrato ou um princípio moral. O verdadeiro princípio de vida nova é a esperança que vem do alto: é Cristo! Ele morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Ele é Aquele que vive, o fundamento da nossa confiança."

Ao responder à segunda pergunta, sobre como preservar as relações de amizade ou amorosa na dinâmica do mundo atual e de relações pessoais que "parecem frágeis e se consomem como se fossem objetos", o Papa alertou para o sentimento egoísta do interesse individual em detrimento à dedicação ao outro:

"A amizade é verdadeira quando diz 'tu' antes do 'eu'. Este olhar respeitoso e acolhedor para com o outro nos permite construir um 'nós' maior, aberto a toda a sociedade, a toda a humanidade. E o amor é autêntico e pode durar para sempre apenas quando reflete o esplendor eterno de Deus, que é amor. Relacionamentos sólidos e fecundos constroem-se juntos, com base na confiança mútua, neste 'para sempre' que palpita em cada vocação à vida familiar ou consagração religiosa."



A participação sempre ativa dos jovens, inclusive no encontro com o Papa em Bkerké (@Vatican Media)

A caridade e o olhar apenas para Deus

O Papa, então, ao orientar os jovens a construir um mundo melhor do que foi encontrado, com a força recebida de Cristo, afirmou: "queridos jovens, o que é que mais do que tudo revela a presença de Deus no mundo? O amor, a caridade! A caridade fala uma linguagem universal, porque fala a cada coração humano". E fazer isso através de gestos quotidianos, acrescentou Leão XIV, como fizeram muitos santos libaneses, como Santa Rafqa e o Beato Tiago de Ghazir Haddad, através do "acolhimento do próximo e do distante, da mão estendida ao amigo e ao refugiado, do difícil, mas necessário perdão ao inimigo": "que luz poderosa emana da penumbra em que São Charbel decidiu retirar-se, tornando-se um dos símbolos do Líbano no mundo", disse ainda o Papa, encorajando os jovens a compreender a mensagem dos olhos do santo retratados sempre fechados, "fechados para ver melhor Deus":

"Queridos jovens, que também nos seus olhos brilhe a luz divina e floresça o incenso da oração. Num mundo de distrações e vaidades, reservem todos os dias um tempo para fechar os olhos e olhar apenas para Deus. Ele, se por vezes parece estar silencioso ou ausente, revela-se àqueles que o procuram no silêncio. Enquanto vocês se empenham em fazer o bem, peço que sejam contemplativos como São Charbel: rezando, lendo a Sagrada Escritura, participando na Santa Missa, permanecendo em adoração."

Ao final do discurso, Leão XIV também falou da importância de se "olhar para Jesus com os olhos do coração de Maria", levando consigo o Rosário no bolso, no pulso ou no pescoço: "como é doce erguer o olhar para Nossa Senhora do Líbano, com esperança e confiança!". E, através da Oração de São Francisco, exortou os jovens a continuar perseverando em Cristo para manter viva a alegria do Evangelho, porque "quando o Senhor habita em nós, a esperança que Ele nos dá torna-se profícua para o mundo".

O Papa confirmou o apoio de toda a Igreja nos desafios cruciais da vida dos jovens e na história do Líbano e confiou a proteção da Mãe de Deus e Nossa Senhora a toda a nação para fazer "florescer o mundo de esperança!". "Obrigado a todos! *Shukran*." E ainda na praça em frente à sede do Patriarcado de Antioquia dos Maronitas, antes do encerramento do encontro, o Papa conduziu o Rito "Promessa de paz e ação dos jovens".

Fonte: Vatican News

Leão XIV aos libaneses: sois chamados a ser construtores da paz

No encontro ecumênico e inter-religioso, em Beirute, o Papa destacou em seu discurso que "numa época em que a coexistência pode parecer um sonho distante, o povo do Líbano, embora professe diferentes religiões, é uma poderosa lembrança de que o medo, a desconfiança e o preconceito não têm a última palavra, e que a unidade, a reconciliação e a paz são possíveis".

Mariangela Jaguraba – Vatican News



A Praça dos Mártires, em Beirute, no Líbano, acolheu o encontro ecumênico e inter-religioso, nesta segunda-feira (1º/12), realizado no âmbito da primeira viagem apostólica internacional do Papa Leão XIV.

Em seu discurso, o Pontífice manifestou gratidão por estar "nesta terra abençoada, uma terra exaltada pelos profetas do Antigo Testamento, uma terra onde o eco do *Logos* nunca silenciou, mas continua chamando, a cada século, aqueles que desejam abrir os seus corações ao Deus vivo".

Leão XIV recordou um trecho da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*, do Papa Bento XIV, assinada em Beirute, em 2012: «A natureza e a vocação universal da Igreja exigem que ela se abra ao diálogo com os membros das outras religiões. No Oriente Médio, este diálogo funda-se nos laços espirituais e históricos que unem os cristãos, os judeus e os muçulmanos. Este diálogo não se move tanto por considerações pragmáticas de ordem política ou social, como sobretudo pelas bases teológicas que interpelam a fé».

"Nesta diletta terra, que cada chamado à oração se una num único hino que se eleva aos céus, não apenas para glorificar o Criador misericordioso do céu e da terra, mas também para erguer uma súplica sincera pelo dom divino da paz", disse ainda o Papa.

O Pontífice recordou que "durante muitos anos, e especialmente em tempos mais recentes, os olhos do mundo têm se fixado no Oriente Médio, berço das religiões abraâmicas, observando a árdua jornada e a incessante busca pelo precioso dom da paz". "Às vezes, a humanidade olha para o Oriente Médio com um sentimento de apreensão e desalento diante de embates tão antigos e complexos. No entanto, em meio a esses conflitos, é possível encontrar um sentimento de esperança e encorajamento quando nos concentramos no que nos une: a nossa comum humanidade e a nossa fé num Deus de amor e misericórdia", frisou Leão XIV.

Numa época em que a coexistência pode parecer um sonho distante, o povo do Líbano, embora professe diferentes religiões, é uma poderosa lembrança de que o medo, a desconfiança e o preconceito não têm a última palavra, e que a unidade, a reconciliação e a paz são possíveis. É uma missão que permanece inalterada ao longo da história desta querida terra: testemunhar a verdade perene de que cristãos, muçulmanos, drusos e inúmeros outros podem viver juntos e construir um país unido pelo respeito e diálogo.

A seguir, o Papa recordou que "há sessenta anos, com a promulgação da Declaração *Nostra Aetate*, o Concílio Vaticano II abriu um novo horizonte para o encontro e o respeito mútuo entre católicos e fiéis de outras religiões, enfatizando que o verdadeiro diálogo e colaboração têm as suas raízes no amor, o único fundamento para a paz, justiça e reconciliação. Este diálogo, inspirado pelo amor divino, deve envolver todas as pessoas de boa vontade, rejeitar o preconceito, a discriminação e a perseguição, e afirmar a igual dignidade de cada ser humano".

"Na verdade, este é «o núcleo do diálogo inter-religioso: a descoberta da presença de Deus, além de todas as fronteiras, e o convite a procurá-lo juntos com reverência e humildade», disse Leão XIV, citando um trecho de sua catequese na Audiência Geral por ocasião do 60º aniversário da Declaração conciliar *Nostra aetate*.

De acordo com Leão XIV, "se o Líbano é famoso pelos seus majestosos cedros, a oliveira também é uma pedra angular do seu patrimônio". "A oliveira não só adorna este espaço onde nos reunimos hoje, mas também é reverenciada nos textos sagrados do Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, servindo como um símbolo atemporal de reconciliação e paz. A sua longa vida e admirável capacidade de florescer mesmo nos ambientes mais adversos simbolizam resistência e esperança, refletindo o compromisso firme necessário para cultivar a coexistência pacífica", sublinhou.

"Assim como as raízes dos cedros e das oliveiras penetram profundamente e espalham-se pela terra", disse ainda o Papa, "também o povo libanês está disperso pelo mundo inteiro, mantendo-se unido pela força inabalável e pela herança atemporal da sua terra natal".

A vossa presença aqui e em todas as partes do globo enriquece o mundo com uma herança milenar, mas representa também uma vocação. Num mundo cada vez mais interligado, sois chamados a ser construtores da paz: a enfrentar a intolerância, superar a violência e banir a exclusão, iluminando o caminho para a justiça e concórdia entre todos, através do testemunho da vossa fé.

O Papa concluiu, recordando que todos os anos, em 25 de março, feriado nacional no país, os libaneses se reúnem "para venerar Maria, Nossa Senhora do Líbano, honrada no seu santuário em Harissa, adornado com uma impressionante imagem da Virgem de braços estendidos, abraçando todo o povo libanês".

Que este abraço amoroso e maternal da Virgem Maria, Mãe de Jesus e Rainha da Paz, conduza cada um de vós, para que na vossa pátria, em todo o Oriente Médio e no mundo inteiro, o dom da reconciliação e da coexistência pacífica possa fluir como «nascente de água viva que jorra desde o Líbano», trazendo esperança e unidade para todos.

Fonte: Vatican News

Papa no Santuário de Harissa com bispos e religiosos: estar com Maria para construir paz

"É estando com Maria junto à Cruz de Jesus que a nossa oração, ponte invisível que une os corações, dá-nos a força para continuar a esperar e a trabalhar, mesmo quando ao nosso redor ressoa o barulho das armas e as próprias exigências da vida quotidiana se tornam um desafio", disse Leão XIV no encontro com os bispos e sacerdotes, a Vida Consagrada e os agentes pastorais no Santuário de Nossa Senhora do Líbano, "sinal de unidade para todo o povo libanês".

Andressa Collet - Vatican News

Na manhã desta segunda-feira (01/12), do Monte Líbano onde rezou diante do túmulo de São Charbel Maklūf no Mosteiro de São Maroun, o Papa Leão XIV se dirigiu por cerca de 42 Km até o Santuário de Nossa Senhora do Líbano em Harissa. O local, um dos centros marianos mais importantes do Oriente Médio e símbolo de fé para os cristãos do país e do mundo, especialmente os maronitas, apresenta a estátua de Maria, acolhedora, de mais de 8 metros de altura, que estende os braços para o povo, intercessora de Deus sob o monte a 650 metros acima do nível do mar, sobre a baía de Jounieh. A proteção materna sobre a nação foi enaltecida durante o encontro do Papa com os bispos e sacerdotes, a Vida Consagrada e os agentes pastorais, cerca de 4 mil pessoas reunidas na basílica maronita do santuário.



Cerca de 4 mil pessoas estavam presentes no encontro com o Papa (@Vatican Media)

Mesmo com o barulho das armas, estar com Maria

Após encontrar e saudar os representantes locais eclesiásticos, Leão XIV ouviu tanto a mensagem de boas-vindas do Patriarca da Cilícia dos Armênios, Rafael Bedros XXI Minassian, como o testemunho de um sacerdote, de uma agente pastoral, da diretora de uma escola católica e de um capelão carcerário. No discurso, pronunciado em francês, o Pontífice agradeceu pelas palavras que confirmaram o quanto receberam pela Igreja no Líbano "unida de múltiplas fisionomias", entre "acolhimento e resposta", exemplo de que se continua a construir "comunhão na caridade": "obrigado a cada um de vocês!", enalteceu Leão XIV.



O encontro entre o Patriarca da Cilícia dos Armênios, Raphaël Bedros XXI Minassian, e Leão XIV (@Vatican Media)

Uma tenacidade, continuou o Papa, com origens na própria Mãe de Deus, Rainha do Líbano, e no Santuário de Harissa, "sinal de unidade para todo o povo libanês. É estando com Maria junto à Cruz de Jesus que a nossa oração, ponte invisível que une os corações, dá-nos a força para continuar a esperar e a trabalhar, mesmo quando ao nosso redor ressoa o barulho das armas e as próprias exigências da vida quotidiana se tornam um desafio".

Leão XIV então recordou que um dos elementos que constituem o símbolo da viagem apostólica é a âncora, tão evocada por Papa Francisco, "como sinal da fé, que permite ir sempre mais além, até o céu, mesmo nos momentos mais sombrios". Se queremos construir a paz, reforçou o Pontífice, devemos nos ancorar firmes ao céu, amar sem medo e se doar sem medida, com a ajuda de Deus, para promover "obras de solidariedade concretas e duradouras".

Os testemunhos e a solidariedade

O **Padre Youhanna-Fouad Fahed**, recordando o primeiro testemunho, falou sobre a realidade vivida na pequena aldeia onde exerce o seu ministério, com necessidades extremas e sob a ameaça dos bombardeamentos. Ali, cristãos e muçulmanos, libaneses e refugiados vindos do outro lado da fronteira, "convivem pacificamente e ajudam-se mutuamente", disse o Papa, reforçando o dom da caridade e da entrega recíproca que nos aproxima de Deus: "só assim não se fica esmagado pela injustiça e opressão, mesmo quando, como ouvimos, se é traído por pessoas e organizações que

especulam sem escrúpulos sobre o desespero daqueles que não têm alternativas. Só assim é possível voltar a ter esperança no amanhã, ainda que na dureza de um presente difícil de enfrentar".



Leão XIV no encontro com bispos e religiosos no Santuário de Harissa (@Vatican Media)



O Pe. Youhanna-Fouad Fahed durante o seu testemunho diante de Leão XIV (@Vatican Media)

Já **Loren Capobres**, migrante e agente pastoral, abordou sobre o trabalho realizado junto aos próprios migrantes, aqueles que, "não por escolha, mas por necessidade, tiveram de deixar tudo para trás em busca de uma possibilidade de futuro longe de casa", disse o Papa, muitas vezes fugindo do "horror que a guerra provoca na vida de tantas pessoas inocentes". "Diante de dramas semelhantes não podemos permanecer indiferentes", enfatizou Leão XIV, recordando o apelo constante do Papa Francisco, de uma dor dos migrantes que "nos diz respeito e nos interpela": quem bate à porta das nossas comunidades, exortou o Papa, nunca deve se sentir rejeitado, "mas acolhido com as palavras que a própria Loren citou: 'bem-vindo a casa!'".

Sobre o acolhimento a refugiados também falou a **Irmã Dima Chebib**, que, "diante da explosão da violência, escolheu não abandonar o campo, mas manter a escola aberta". Através de um centro educativo, a diretora em Baalbeck contou que eles prestam assistência e ajuda material, aprendem e ensinam "a partilhar 'pão, medo e esperança', a amar no meio do ódio, a servir mesmo no cansaço e a acreditar, para além de todas as expectativas, num futuro diferente". Leão XIV, assim, encorajou a Igreja no Líbano a continuar essa "obra louvável, indo ao encontro sobretudo daqueles que mais necessitam e não têm meios, e de quem se encontra em situações extremas, com escolhas marcadas pela caridade mais generosa, para que a formação da mente seja sempre acompanhada pela educação do coração".

Sobre isso, **Padre Charbel Fayad**, falando da sua experiência de apostolado nas prisões, "disse que precisamente ali, onde o mundo vê apenas muros e crimes, nos olhos dos detidos, por vezes perdidos, por vezes iluminados por uma nova esperança, nós vemos a ternura do Pai que nunca se cansa de perdoar. E é exatamente assim: vemos o rosto de Jesus refletido naqueles que sofrem e naqueles que cuidam das feridas que a vida causou", finalizou o Pontífice recordando dos quatro testemunhos de solidariedade, de guerra, de migração e pastoral carcerária.

A Rosa de Ouro entregue pelo Papa ao santuário

Em discurso, o Papa antecipou sobre o gesto simbólico feito ao final do encontro, ao entregar a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora do Líbano. O gesto é antigo, explicou Leão XIV, que procura exortar os cristãos a serem "perfume de Cristo" nas suas vidas. Uma imagem que fez o Pontífice recordar do "perfume que brota das mesas libanesas, típicas pela variedade de alimentos que oferecem e pela forte dimensão comunitária de os partilhar. É um perfume feito de mil aromas, que impressionam pela sua diversidade e, por vezes, pelo seu conjunto. Assim é o perfume de Cristo. Não é um produto caro e reservado a poucos que podem comprá-lo, mas o aroma que emana de uma mesa generosa, onde se encontram muitos pratos diferentes e da qual todos juntos podem servir-se".



A Rosa de Ouro junto à imagem de Nossa Senhora de Harissa (@Vatican Media)

Fonte: Vatican News

A oração do Papa diante do túmulo de São Charbel: proteja o Líbano e o seu povo

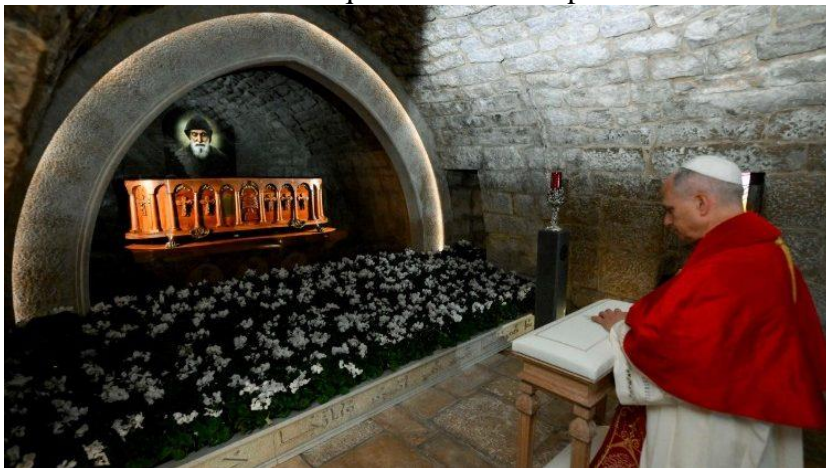
Visita histórica de Leão XIV ao túmulo de São Charbel, santo moldado pelo Espírito Santo "para que ensinasse a oração aos que vivem sem Deus, o silêncio aos que vivem no barulho, a modéstia aos que vivem para aparecer, a pobreza aos que buscam riquezas. São todos comportamentos que vão contra a corrente, mas é justamente por isso que nos atraem, como água fresca e pura para quem caminha no deserto".

Bianca Fraccalvieri, de Beirute

O segundo dia de Leão XIV no Líbano representa o coração espiritual da viagem. O dia começou com a oração diante do túmulo de São Charbel Maklūf.

Sacerdote maronita e eremita, é um dos santos mais amados de todo o Oriente Médio, respeitado até mesmo por quem não é cristão. Símbolo da santidade ascética, viveu no Mosteiro de São Maroun, onde está sepultado, e é conhecido pelos muitos milagres atribuídos à sua intercessão após sua morte, especialmente pela cura dos doentes.

É interessante notar que num país de um cristianismo tão antigo, que remonta à passagem do Apóstolo Paulo nestas terras, os fiéis nutram esta devoção a um santo relativamente recente, que nasceu em 1828 e morreu em 1875, sendo beatificado e canonizado no pontificado de São Paulo VI. Aliás, este ano, celebram-se 100 anos desde que a abertura do processo.



A oração do Papa a São Charbel Maklūf (@Vatican Media)



Papa Leão diante do túmulo de São Charbel Maklūf. (@Vatican Media)

Visitar este local é uma experiência única, primeiramente pela localização, entre as montanhas fora de Beirute, a 1200 metros de altitude, com neve no inverno. Cercado de cedros, o eremitério de pedras é o mais austero possível. Mas o que realmente impressiona é a sua cela: um tecido no chão e um tronco de madeira como travesseiro.

A sua figura, portanto, está ligada ao sofrimento silencioso e à renúncia à mundanidade, temas significativos para um Líbano em crise. A atmosfera é singular e muitos fiéis não contêm a emoção ao visitar santuário.

A oração de Leão XIV é histórica: é a primeira vez de um Papa e é um gesto de homenagem à profunda fé e esperança que perdura mesmo nas piores tribulações.

"O que São Charbel nos ensina hoje?", questionou o Pontífice, que assim respondeu: "O Espírito Santo moldou-o para que ensinasse a oração aos que vivem sem Deus, o silêncio aos que vivem no barulho, a modéstia aos que vivem para aparecer, a pobreza aos que buscam riquezas. São todos comportamentos que vão contra a corrente, mas é justamente por isso que nos atraem, como água fresca e pura para quem caminha no deserto".

Para a Igreja, o Pontífice pediu comunhão e unidade. Para o mundo, a paz.

"Imploramos a paz especialmente para o Líbano e para todo o Levante. Mas sabemos bem que não há paz sem conversão dos corações. Por isso, que São Charbel nos ajude a dirigir-nos a Deus e a pedir o dom da conversão para todos nós."



Túmulo de São Charbel Maklūf. (@Vatican Media)

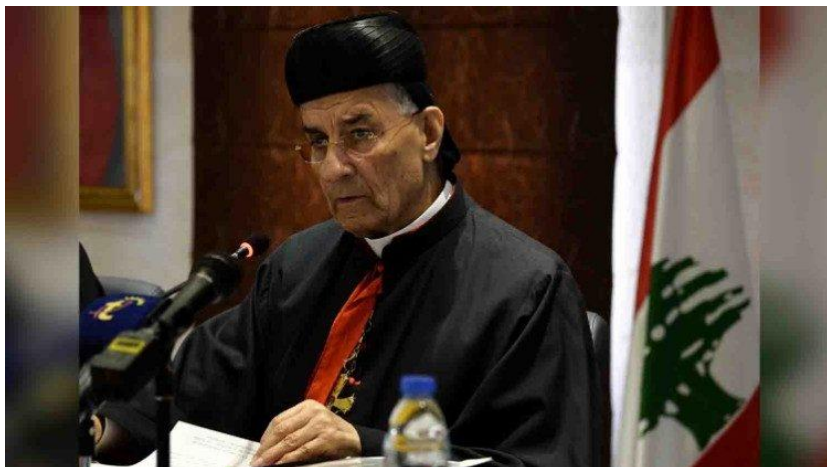
Eis a prece pronunciada pelo Santo Padre:

Ó Deus, que concedeste a São Charbel,
guardião do silêncio na vida escondida,
ser iluminado pela luz da verdade
para sondar as profundezas do teu amor,
concede-nos, que seguindo o seu exemplo,
enfrentar no deserto do mundo o bom combate da fé
e caminhar alegremente

seguindo o teu Filho, Jesus Cristo.
Que o teu servo,
que viveu no segredo da oração
e venceu as tentações
com as armas da penitência,
nos mostre a grandeza da tua misericórdia,
que nos ensine o silêncio das palavras
e a força dos gestos que podem abrir o coração.
Que ele nos obtenha de Jesus Cristo,
que nos libertou de todo o mal,
a saúde do corpo e do espírito,
e interceda sempre por nós,
a fim de que possamos participar com os santos
no Reino eterno.
A ti a glória e o louvor,
Pai, Filho e Espírito Santo.
Amém
Fonte: Vatican News

Béchara Raï: o Papa no Líbano para virar a página em nome da paz

O patriarca de Antioquia dos Maronitas exprime o desejo de que a visita de Leão XIV mude os corações e dê o impulso necessário para a mudança do país, graças à sua mensagem de esperança
Jean-Pierre Yammine - enviado a Beirute



Patriarca Maronita Bechara Boutros Rai

É necessário aproveitar a ocasião da viagem do Papa ao Líbano para imprimir um ponto de virada na história conturbada do país. Quem enfatiza isso é o patriarca de Antioquia dos Maronitas, o cardeal Béchara Boutros Raï, em uma entrevista aos meios de comunicação do Vaticano.

O purpurado enfatiza que Leão XIV chega ao País dos Cedros não “de mãos vazias”, mas com palavras cheias de pacificação, apoio e esperança. “Para mim, a visita é um apelo pessoal, um apelo a cada um de nós, libaneses, um apelo para mudar, para virar a página e abrir uma nova: a página da paz, a página da esperança porque não podemos viver como se nada fosse”, explica o cardeal.

Uma visita que serve para mudar os corações

Com a franqueza que sempre o destacou, o cardeal Béchara Boutros Raï olha para o futuro e para o risco de que, ao final da visita, tudo volte ao ponto de partida. “Esperamos que os libaneses apreciem o valor dessa visita que o Santo Padre desejou para o Líbano, porque ele sabe que o Líbano está vivendo um momento muito, muito crítico a nível político e, como se diz em árabe, soam tambores de guerra”.

Uma mensagem de paz e esperança

“O papa vem para falar de paz, para falar de esperança, e se direciona ao coração de todos”, prossegue o purpurado. Valores que permeiarão os discursos do Pontífice, porque as suas palavras não são discursos voltados especificamente aos cristãos ou aos muçulmanos, são para todos, cada homem e

mulher libanês”, afirma o cardeal Béchara Raï convencido. “Isso, para mim, é o valor da visita do Papa”.

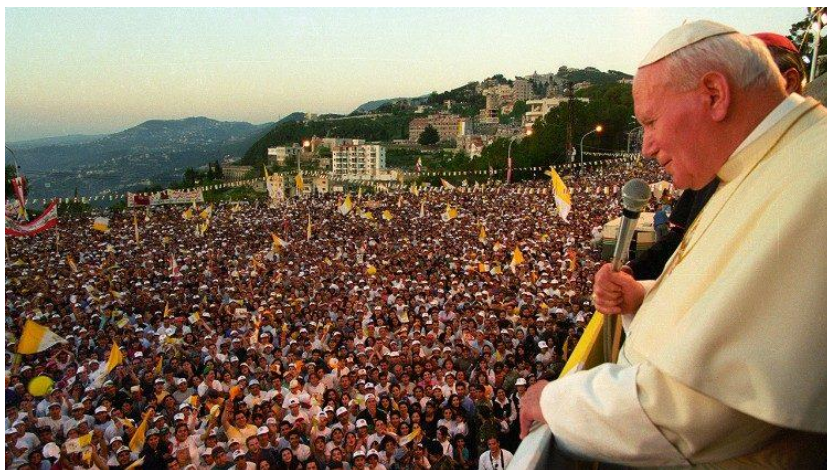
Para o patriarca de Antioquia dos Maronitas, o maior desejo é que se colham os frutos das sementes que Leão XIV lançará nestes dias, caso contrário, “seria uma perda”, enquanto é urgente dar vida a um olhar cada vez mais aberto sobre o mundo e mudá-lo de uma vez por todas.

Fonte: Vatican News

Nos passos dos Papas no Líbano, um "País-Mensagem" para a Paz

Por ocasião da primeira Viagem Apostólica do Papa Leão XIV, na Turquia (Türkiye) e no Líbano, revisitamos alguns momentos das visitas dos Pontífices à “terra dos cedros”. Foram a esse país Paulo VI em 1964, para um escala antes da peregrinação à Índia; João Paulo II, em 1997; e Bento XVI, em 2012

Amedeo Lomonaco – Cidade do Vaticano



Um momento da viagem apostólica de João Paulo II ao Líbano em 1997.

A viagem ao Líbano é um caminho de paz. Papa Leão XIV, depois da viagem à Turquia, visita o Líbano de 30 de novembro a 2 de dezembro de 2025. Ele realiza o desejo do seu predecessor Francisco, que queria visitar o “País dos Cedros”. O objetivo da primeira Viagem Apostólica de Leão nessa terra do "Oriente Próximo”, na costa oriental do Mar Mediterrâneo, é o de levar esperança a uma região marcada por conflitos e de reforçar o diálogo inter-religioso. Em um tempo marcado pela violência e pelos conflitos, as religiões podem ter uma tarefa comum: promover a paz, salvaguardar a criação.

Um dos momentos centrais da visita do Papa no Líbano é a oração silenciosa, em 2 de dezembro, no local da explosão do porto de Beirute que, em 2020, provocou a morte de mais de 200 pessoas.

Paulo VI e a escala em Beirute em 1964

O primeiro Pontífice a colocar os pés no Líbano foi Paulo VI, em 2 de dezembro de 1964. Não foi propriamente uma Viagem Apostólica, mas uma breve escala que precedeu a peregrinação à Índia, por ocasião do Congresso Eucarístico de Bombaim. Quando o avião do Papa pousou na pista do aeroporto de Beirute, os sinos de todas as igrejas da cidade tocaram festivamente.

Ao “coro”, conforme o Observatório Romano na crônica daquele dia, juntaram-se também as Igrejas Ortodoxas. As imagens de arquivo mostram uma multidão de milhares de libaneses ao redor do aeroporto. Viram-se também grupos de pessoas nas varandas e nas janelas, tentando, ao menos, vislumbrar o Pontífice.

Um acolhimento caloroso

Primeiramente, estava um sol brilhante e uma temperatura primaveril para receber o Papa Montini, apesar de o mês de dezembro ter apenas iniciado. Na cerimônia de boas-vindas, Paulo VI e o então presidente libanês, Charles Helou, pegaram lugar num pódio para ouvir o hino pontifício e depois o libanês.

As palavras do Papa, em francês, são repetidamente interrompidas pelas aclamações da multidão. “O Líbano ocupa com honra o seu lugar entre as nações”, afirma Paulo VI. O Pontífice explica também a razão daquela escala no Líbano antes da Viagem Apostólica à Índia. “A Providência nos permitiu aceitar um convite que não tínhamos podido aceitar durante a viagem à Terra Santa e que

as autoridades libanesas nos renovaram, gentilmente, mais uma vez. É para nós uma alegria ter esta oportunidade de contato direto com um país que nos é particularmente querido”, afirmou.

Antes de retomar a viagem à Ásia, Paulo VI agradeceu as autoridades libanesas pela acolhida recebido e pronunciou breves palavras: “A vossa cordialidade nos comove profundamente e deixará em nosso coração uma maravilhosa recordação da vossa querida pátria. A todos, cristãos e não cristãos, que nos deram boas-vindas, desejo que o Líbano seja sempre fiel à sua missão de civilidade e para a sua fé”.

Os momentos que precederam a partida foram agitados. A multidão pressionou cada vez mais contra os cordões de segurança. O serviço de ordem e a polícia mal conseguiram manter uma passagem aberta para o Papa. Uma jovem, anfitriã da terra, foi empurrada pela multidão, caiu e machucou uma perna. Quando o Papa viu a mulher, se abaixou e a ajudou a se levantar, dizendo para ela palavras de conforto.

João Paulo I e o Líbano

O Papa João Paulo I não viajou ao Líbano, mas gostaria de cumprir uma viagem apostólica nesse país. O Patriarca Antoine Khoraiiche de Antioquia dos Maronitas revelou isso em uma entrevista à Rádio Vaticano, dois dias depois da morte do Pontífice, em 28 de setembro de 1978. No texto do radiojornal de 30 de setembro de 1978, da emissora pontifícia, lê-se esta declaração: “Papa Luciani pensava em fazer uma visita especial ao Líbano para trabalhar, pessoalmente, pelo restabelecimento da paz entre os filhos daquela nação”, afirma o Patriarca, cujas palavras foram citadas também na “*Biografia ex documentis*” do Pontífice veneziano, aos cuidados da Fundação vaticana João Paulo I.

“Benevolentemente, ele também nos tinha prometido de nos receber uma segunda vez, antes do nosso retorno ao Líbano, em audiência privada, na qual trataríamos sobre o assunto dessa visita”, acrescenta.

A referência ao “País dos Cedros” aparece diversas vezes durante o breve Pontificado de João Paulo I. Na mensagem radiofônica “*Urbi et Orbi*” de 27 de agosto de 1978, ele pronuncia estas palavras: “De modo particularíssimo, pensamos na martirizada terra do Líbano”, afirma Papa João Paulo I. Um país que, naquele período histórico, estava abalado pela guerra civil.

A Viagem Apostólica de João Paulo II em 1997

Os primeiros anos do Pontificado do Papa João Paulo II coincidem, portanto, com uma página dramática da história libanesa: o conflito civil, que durou 15 anos, de 1975 a 1990, e que custou a vida de mais de 150 mil pessoas.

Papa Wojtyła, eleito como Sucessor de Pedro em 1978, deslocou-se ao Líbano em 1997, um período marcado por uma situação de instabilidade persistente.

A ocasião era a assinatura da Exortação Apostólica pós-sinodal e a conclusão do Sínodo libanês. Nessa terra, abalada por feridas dilacerantes, o Pontífice polonês exortou a construção de pontes.

E o Líbano pode ser um modelo para outros Estados e nações. Durante o Pontificado, João Paulo II define o Estado libanês como um “País mensagem”. “O Líbano é algo mais do que um país: é uma mensagem de liberdade e um exemplo de pluralismo para o Oriente e para o Ocidente!”, escreve na Carta Apostólica a todos os bispos da Igreja Católica sobre a situação dessa terra.

Essa é uma expressão que ainda hoje é frequentemente usada pelos libaneses para evidenciar a particular missão de sua nação: um mosaico e um exemplo de convivialidade das diversas comunidades religiosas que a constituem.

Os jovens chamados a derrubar os muros

Um dos momentos centrais da Viagem Apostólica do Papa Wojtyła, que decorreu entre 10 e 11 de maio de 1997, foi o encontro com os jovens na Basílica de Nossa Senhora do Líbano. Na ocasião, ele proferiu palavras dirigidas às novas gerações libanesas, que têm “sede de paz e de fraternidade”.

Com efeito, compete-vos fazer cair os muros que se puderam erigir durante os períodos dolorosos da história da vossa nação; não edifiqueis novos muros no interior do vosso país. Ao contrário, cabe-vos construir pontes entre as pessoas, entre as famílias e entre as diferentes comunidades. Na vossa vida quotidiana, oxalá realizeis gestos de reconciliação, para passardes da desconfiança à confiança! É também vossa tarefa velar por que cada libanês, em especial cada jovem, possa participar na vida social, na casa comum. Assim nascerá uma nova fraternidade e hão-de de

tercer-se laços sólidos, porque para a edificação do Líbano a arma principal e determinante é a do amor.



João Paulo II no Líbano em 1997.

A última imagem da Viagem Apostólica de João Paulo II ao Líbano foi da cerimônia de despedida no aeroporto de Beirute. “Constatarei o amor profundo que os católicos libaneses e todos os seus compatriotas têm pela sua pátria, como também o seu apego à sua cultura e às suas tradições. Permaneceram fiéis à sua terra e ao seu patrimônio em inúmeras circunstâncias e continuam a manifestar ainda hoje a mesma fidelidade”, afirmou o Pontífice. Uma fé e uma fidelidade que atravessam a história e acolhem também o sucessor do Papa Wojtyła.

A Viagem Apostólica de Bento XVI em 2012

A viagem apostólica de Bento XVI ao Líbano, de 14 a 16 de setembro de 2012, por ocasião da assinatura e da publicação da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente* foi marcada pela fraternidade e pelo diálogo.

O Pontífice, na cerimônia de boas-vindas, não esqueceu “os eventos tristes e dolorosos” que afligiram o país por longos anos. E recordou também o modelo libanês, o “País mensagem”: “A feliz convivência totalmente libanesa deve demonstrar a todo o Oriente Médio e ao resto do mundo que, dentro de uma nação, podem existir a colaboração entre as várias Igrejas, todas partes da única Igreja Católica, em um espírito de comunhão fraterna com os outros cristãos e, ao mesmo tempo, a convivência e o diálogo respeitoso entre os cristãos e os seus irmãos de outras religiões”.



Bento XVI no Líbano em 2012.

Os jovens são a esperança do Líbano

Na visita à Basílica de São Paulo em Harissa, Bento XVI encoraja ainda “a feliz coabitação do Islã e do Cristianismo, duas religiões que contribuíram para criar grandes culturas”. No encontro com os jovens na praça em frente ao Patriarcado Maronita de Bkerké, ecoaram as palavras pronunciadas no Líbano em 1997 por João Paulo II:

Jovens libaneses, sois a esperança e o futuro do vosso país. Vós sois o Líbano, terra de acolhimento, de convivência, com esta capacidade incrível de adaptação. E neste momento, não podemos esquecer os milhões de pessoas que formam a diáspora libanesa e mantêm laços sólidos com

o seu país de origem. Jovens do Líbano, sede acolhedores e abertos, como Cristo vos pede e como o vosso país vo-lo ensina.

O momento conclusivo da viagem apostólica de Bento XVI ao Líbano foi a cerimônia de despedida durante a qual o Pontífice alemão exprimiu, em particular, um desejo: “que o Líbano possa continuar a ser um espaço em que os homens e as mulheres vivam em harmonia e em paz uns com os outros”.



Uma vista de Beirute.

Leão XIV no Líbano “com os olhos” de Francisco

O Líbano aguarda agora Papa Leão XIV, que viaja a esse país com “os olhos” de Francisco. É uma terra que o Papa argentino não visitou quando era Pontífice, mas “o País dos Cedros” sempre teve um lugar especial em seu coração e em seu magistério.

Em 2013, para a primeira Sexta-feira Santa de seu Pontificado, os textos das meditações para a Via Sacra no Coliseu foram escritos por jovens libaneses. “Faze, Senhor que o sangue das vítimas inocentes seja a semente de um novo Oriente mais fraterno, mais pacífico e mais justo”, ouviu-se naquela noite.

Afinal, o Líbano é como o cedro, uma árvore majestosa que pode atingir os 40 metros de altura. Distingue-se pela sua copa expandida. Parece querer abraçar e acolher todos os homens sem cálculos e distinções, como o povo libanês. O Líbano, como essa árvore, quer continuar a ser uma mensagem de paz. Fonte: Vatican News

México: ‘La 72’, uma porta que se abre aos migrantes, em meio o acolhimento e memória

Desde 2011, a casa-refúgio na fronteira com a Guatemala oferece hospitalidade às pessoas que partem da América Central para chegar aos Estados Unidos, dando para elas assistência médica e jurídica, mas não apenas isso. A estrutura é dirigida pelo frade menor Luis Antônio Sotelo Izquierdo que, aos meios de comunicação do Vaticano, fala sobre a sua missão: “São os nossos irmãos e, embora sozinhos nessa fronteira, continuamos a recebê-los e a enfrentar as problemáticas”

Pietro Piga – Cidade do Vaticano



2025.11.29 Um dos murais da casa de refúgio. Fonte: La 72, Hogar-Refugio para Personas Migrantes

No México, ao longo da fronteira com a Guatemala, existe uma porta. Os migrantes que partem da América Central a encontram à frente, a um certo ponto de sua travessia até os Estados Unidos. Ela se abre depois que alguém que chegou lá a pé, de ônibus ou agarrado a um trem, bate.

Na porta, para acolhê-los, muito frequentemente está o frade menor Luis Antonio Sotelo Izquierdo, que dirige a casa-refúgio “La 72, Hogar-Refúgio para Pessoas Migrantes”. A porta é aberta desde 23 de abril de 2011 em Tenosique, um município no Estado mexicano de Tabasco, para quem precisa de indicações para chegar ao seu destino, de comida, de água, de cuidados, de um local distante das extorsões e das violências dos traficantes de seres humanos encontrados no caminho, de ajuda para preencher um pedido de asilo.

“Cada pessoa é importante para Deus e, portanto, também para nós. Os migrantes, os refugiados, os deportados são os nossos irmãos e, embora sozinhos nesta fronteira, continuamos a recebê-los e a enfrentar as problemáticas”, conta aos meios de comunicação do Vaticano o religioso que guia a estrutura pertencente à Província franciscana São Felipe de Jesus.



Migrantes acolhidos no abrigo assistem à missa. Fonte: La 72, Hogar-Refugio para Personas Migrantes
A memória

Cada migrante acolhido, protegido e assistido na casa-refúgio La 72, ao menos um vez entrou na Capela, levantou o olhar e rezou diante do crucifixo de São Damião, colocado no centro da parede.

Mas ele também se deteve sobre as 72 cruzeiras menores que o circundam, cada uma pintada com as cores de uma bandeira nacional e com um nome gravado em cima. Elas homenageiam os migrantes – 58 homens e 14 mulheres – assassinados em 2010 pelos membros do cartel de drogas local *Los Zetas*, no município mexicano de San Fernando, enquanto buscavam chegar aos Estados Unidos.

E é exatamente por causa desse massacre que deriva o nome da casa-refúgio e é da sua memória que nasce e se nutre o esforço com a salvaguarda dos direitos humanos. “O crucifixo e as cruzeiras dispostas ao redor nos recordam que todas as pessoas estão unidas em Cristo e contam que não existe diferença nem divisão. E com isso podemos dizer aos outros que a esperança de algo melhor ainda está viva e que a última palavra em tudo é de Deus”, afirma frei Sotelo Izquierdo.



A capela da casa de refúgio. Fonte: La 72, Hogar-Refugio para Personas Migrantes
Os espaços seguros

Os migrantes, provenientes sobretudo de Honduras, da Guatemala, da Nicarágua e de El Salvador, passam os dias dentro de La 72 em diversas áreas, cada uma indicada por um nome. “*La Resistencia*” é destinada ao voluntariado; aquela que se chama “*Che Guevara*” é onde recebem a

assistência médica; a “*La Tierna furia*”, por sua vez, é reservada às mulheres e às crianças; enquanto que, na “*Plaza Dignidad*”, disputam-se as partidas de futebol.

Em outros prédios da casa-refúgio, além disso, é servido o almoço, são lavadas as roupas, são realizados seminários sobre a violência de gênero, pode-se participar de jogos de mesa, são projetados filmes, trata-se da papelada para a assistência jurídica e os pedidos de asilo.

E as paredes dos edifícios foram embelezados com murais pelos próprios migrantes. “Os sonhos e as esperanças daqueles que colocaram os pés neste lugar ficam custodiados como um santuário, como memória viva, seguindo o mesmo ideal: um mundo melhor é possível e nós podemos contribuir para torná-lo real”, explica o franciscano.



As crianças brincam no abrigo. La 72, Casa-Refugio para Pessoas Migrantes

Os acolhidos mudam

A cada ano, em média, *La 72* oferece alojamento a 11.639 migrantes ou refugiados, mas, em 2024 foram 10.812, apesar de Tabasco ter permanecido como um dos principais pontos de trânsito para quem parte da América Central.

“As políticas migratórias no México e nos Estados Unidos se tornaram mais restritivas, mas o nosso compromisso não parou. Estou convicto que ele não se mede nas estatísticas, mas na ajuda concreta que se dá aos necessitados”, enfatiza frei Sotelo Izquierdo.

E mudou também o perfil das pessoas que pedem ajuda. “No início do nosso trabalho, vinham homens de idades entre 20 e 45 anos. Em seguida, chegaram mulheres jovens, mas, mais para frente, famílias completas, crianças e adolescentes desacompanhados. E as problemáticas dos vários países trouxeram aqui também idosos e pessoas com deficiência”. Frei Sotelo Izquierdo continuará a estar à porta de *La 72* e a acolher quem bater porque, conclui, “no meu refúgio há os sinais especiais da parte de Deus”.

Fonte: Vatican News

Podem passar de mil as mortes por inundações no sul da Ásia

469 na Indonésia, 334 no Sri Lanka e 170 na Tailândia: esse é o número de mortes confirmadas pelas autoridades na manhã desta segunda-feira, em decorrência das inundações que atingem o sul da Ásia. Há centenas de desaparecidos.

Vatican News

O presidente da Indonésia disse aos sobreviventes das devastadoras inundações da semana passada que a ajuda estava chegando nesta segunda-feira, enquanto governos asiáticos intensificavam suas respostas ao desastre que deixou mais de 1.000 mortos em três países. Centenas de pessoas estão desaparecidas após as inundações e deslizamentos de terra da última semana, que mataram pelo menos 469 pessoas na Indonésia, 334 no Sri Lanka e 170 na Tailândia, segundo as autoridades.

Prabowo Subianto, prometeu reconstruir a infraestrutura durante uma visita às áreas afetadas pelas inundações e deslizamentos de terra na ilha de Sumatra, que deixaram milhares de desabrigados e 474 desaparecidos até segunda-feira. Algumas áreas da Indonésia permaneciam inacessíveis nesta segunda-feira, após o desastre danificar estradas e interromper as linhas de comunicação, com os moradores das áreas afetadas dependendo de aeronaves para entregar suprimentos. As inundações desalojaram 290.700 pessoas nas províncias de Sumatra do Norte, Sumatra Ocidental e Aceh, informou a Agência Nacional de Gestão de Desastres. Prabowo, que visitou o norte de Sumatra na segunda-feira

e tinha previsão de visitar o oeste de Sumatra e Aceh ainda hoje, afirmou que a resposta do governo está chegando a quem precisa. “Precisamos enfrentar as mudanças climáticas de forma eficaz”, disse Prabowo a repórteres após visitar sobreviventes. “Os governos locais devem assumir um papel significativo na proteção do meio ambiente e na preparação para as condições climáticas extremas que surgirão com as futuras mudanças climáticas.”

As autoridades do Sri Lanka informaram na segunda-feira que as equipes de resgate ainda procuram por 370 pessoas desaparecidas. Quase 148 mil pessoas estão abrigadas em locais temporários após serem atingidas pelas fortes chuvas da semana passada, que inundaram casas, plantações e estradas e provocaram deslizamentos de terra, principalmente na região montanhosa central, produtora de chá.

Na Tailândia, o primeiro-ministro Anutin Charnvirakul delineou no sábado os planos de recuperação e indenização para a região sul do país, onde o Departamento de Prevenção e Mitigação de Desastres informou que as graves inundações em 12 províncias do sul afetaram mais de 1,4 milhão de famílias e 3,8 milhões de pessoas.

**Com informações de Associated Press*

Fonte: Vatican News

Líbano: Papa pede aos jovens que sejam «seiva de esperança», sem violência ou desejo de vingança

«Verdadeira resistência ao mal não é o mal, mas o amor» – Leão XIV



Foto: Lusa/EPA

O Papa Leão XIV encontrou-se hoje com a juventude libanesa na sede do Patriarcado Maronita, em Bkerké, pedindo às novas gerações que não cedam ao desânimo da guerra e sejam “seiva de esperança” rejeitando a vingança e a violência.

“A verdadeira resistência ao mal não é o mal, mas o amor, capaz de curar as próprias feridas, enquanto se curam as dos outros”, declarou o Papa perante milhares de jovens, lembrando que a força desta árvore reside nas raízes.

Na intervenção que proferiu perante a multidão que o acompanhou durante mais de uma hora, o pontífice exortou os jovens a beberem dessas “boas raízes”, rejeitando a tentação de usar a sociedade para “os seus próprios interesses”.

“O bem que hoje vemos na sociedade libanesa é o resultado do trabalho humilde, discreto e honesto de muitos agentes do bem”, observou.

Leão XIV elogiou a capacidade dos mais jovens para estabelecer pontes com pessoas de origens “culturais e religiosas diferentes”.

A verdadeira renovação, que um coração jovem deseja, começa com gestos quotidianos: o acolhimento do próximo e do distante; a mão estendida ao amigo e ao refugiado; o difícil, mas necessário perdão ao inimigo”.

O encontro ficou marcado por testemunhos de jovens que enfrentam a crise económica, após a explosão do porto de Beirute em 2020 e a guerra na região.

“A vossa pátria, o Líbano, há de florescer novamente bela e vigorosa como o cedro, símbolo da unidade e da fecundidade do povo”, afirmou Leão XIV.

O Papa reagiu às histórias apresentadas pelos jovens e voluntários Anthony, Maria, Elie e Joelle, classificando-as como “estrelas brilhantes numa noite escura”.

“As histórias deles falam de coragem no sofrimento, de esperança na desilusão, de paz interior na guerra”, observou Leão XIV, destacando o exemplo de Elie, que recusou emigrar para ajudar a reerguer o país, e de Joelle, uma cristã que acolheu na sua casa uma família muçulmana deslocada pela guerra.

Após uma apresentação cênica, o Papa respondeu a duas perguntas dos jovens sobre a fragilidade das relações no mundo digital, criticando o egoísmo e o amor superficial.

“Um amor com prazo de validade é um amor de má qualidade”, alertou, explicando que a amizade verdadeira acontece “quando diz ‘tu’ antes do ‘eu’”.

Leão XIV pediu aos jovens que construam relações sólidas baseadas na confiança mútua e no respeito, rejeitando a cultura onde as pessoas “se consomem como se fossem objetos”.

Para enfrentar a instabilidade e o medo do futuro, o Papa propôs a imagem da “âncora”, frequentemente usada pelo Papa Francisco, convidando os jovens a manterem a vida “ancorada no céu”.

Recordando São Charbel, santo libanês cujos olhos são sempre retratados fechados, Leão XIV desafiou a juventude a ser contemplativa num mundo de distrações.

“Num mundo de distrações e vaidades, reservai todos os dias um tempo para fechar os olhos e olhar apenas para Deus”, pediu, sugerindo que através desse silêncio se ganha força para a ação social e política.

O Papa foi recebido pelo patriarca de Antioquia dos Maronitas e saudou a multidão, passando num carrinho de golfe entre os jovens presentes.

Na sua palavra de boas-vindas, o cardeal Béchara Boutros Raï afirmou que o Líbano recebia o pontífice “não com o esplendor dos palácios, mas com a ternura das suas feridas”.

“O Líbano oferece-vos o que tem de mais puro: as suas lágrimas transformadas em pérolas de esperança, as suas montanhas transformadas em altares de súplica”, disse o patriarca maronita, apresentando uma juventude que “procura um futuro aqui, na sua terra”.

No final do encontro, o Papa entregou aos jovens a oração de São Francisco de Assis (“Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz”), pedindo-lhes que a usem como bússola para levar o amor onde há ódio e a união onde há discórdia.

“Jovens libaneses, cresci vigorosos como os cedros e fazei florescer o mundo de esperança!”, concluiu Leão XIV, antes de seguir para um encontro privado com líderes muçulmanos e drusos na Nunciatura Apostólica.

Fonte: Agência Ecclesia

Líbano: Papa e líderes religiosos deixam apelo conjunto à paz no Médio Oriente, rejeitando extremismo

«O medo, a desconfiança e o preconceito não têm a última palavra», disse Leão XIV



Foto: Lusa/EPA

Beirute, 01 dez 2025 (Ecclesia) – O Papa participou hoje num encontro ecuménico e inter-religioso na Praça dos Mártires, em Beirute, pedindo que os sinos das igrejas e o chamamento à oração dos muçulmanos se unam num “único hino” pela paz no Médio Oriente.

“Aqui, nesta diletta terra, que cada sino ressoe, cada *adhān*, cada chamamento à oração se una num único hino que se eleva aos céus, não apenas para glorificar o Criador misericordioso do céu e da

terra, mas também para erguer uma súplica sincera pelo dom divino da paz”, afirmou Leão XIV, perante representantes de todas as confissões religiosas do país.

“Num mundo cada vez mais interligado, sois chamados a ser construtores da paz: a enfrentar a intolerância, superar a violência e banir a exclusão, iluminando o caminho para a justiça e concórdia entre todos, através do testemunho da vossa fé”, acrescentou.

Num palco onde conviveram líderes cristãos (católicos, ortodoxos e protestantes), e da tradição islâmica (sunitas, xiitas, drusos e alauitas), o Papa evocou a imagem dos cedros e da oliveira para falar da identidade libanesa.

“Se o Líbano é famoso pelos seus majestosos cedros, a oliveira também é uma pedra angular do seu património”, disse Leão XIV, apresentando esta árvore como símbolo de resistência que oferece um óleo que cura e ilumina.

Num discurso pontuado pelas palmas dos presentes, o pontífice rejeitou a inevitabilidade do conflito: “o medo, a desconfiança e o preconceito não têm a última palavra, a unidade, a reconciliação e a paz são possíveis”.

“Às vezes, a humanidade olha para o Médio Oriente com um sentimento de apreensão e desalento diante de embates tão antigos e complexos. No entanto, no meio desses conflitos, é possível encontrar um sentimento de esperança e encorajamento quando nos concentramos no que nos une: a nossa comum humanidade e a nossa fé num Deus de amor e misericórdia”, sustentou.

Recordando os 60 anos da declaração ‘Nostra Aetate’ do Concílio Vaticano II, o Papa insistiu que o diálogo inter-religioso deve rejeitar “a discriminação e a perseguição”, defendendo a igual dignidade de cada ser humano.

Caros amigos, a vossa presença aqui hoje, neste lugar excepcional, onde minaretes e torres de igrejas convivem lado a lado, ambos se erguendo em direção ao céu, testemunha a fé duradoura desta terra e a perseverante devoção do seu povo ao único Deus.”

O encontro ficou marcado pelas intervenções dos líderes das várias comunidades, que convergiram na defesa do Líbano como uma “mensagem” de pluralismo.

O grande mufti da República (sunita), xeque Abdullatif Darian, recordou que o Islão protege a liberdade religiosa e rejeitou o extremismo, enquanto o vice-presidente do Conselho Islâmico Xiita, xeque Ali El-Khatib, afirmou que “o que acontece com guerras artificiais em nome das religiões não expressa a verdade da religião”.

Do lado cristão, o patriarca sírio-católico Ignatius Youssef III Younan abriu o encontro lembrando a explosão do porto de Beirute e a vocação democrática do país.

Já o patriarca grego-ortodoxo Yohanna X deu as boas-vindas ao Papa à “Igreja de Antioquia”, onde os discípulos de Jesus foram chamados cristãos pela primeira vez.

O patriarca sírio-ortodoxo Ignatius Efraim II alertou para a migração forçada e o “ecumenismo do sangue”, enquanto o representante evangélico, Joseph Kassab, desafiou os líderes libaneses a uma “sinodalidade nacional”.

Também os líderes das comunidades drusa e alauita reforçaram a mensagem de unidade, com o xeque druso Sami Abi Al-Muna a sublinhar a importância de combater o fanatismo.

No final das intervenções, Leão XIV e os líderes religiosos realizaram o plantio de uma oliveira, gesto simbólico de compromisso com a paz e a reconciliação.

O Papa confiou o Líbano ao “abraço amoroso e maternal da Virgem Maria”, para que a coexistência pacífica flua como “nascente de água viva”.

A Praça dos Mártires (Sahet al Shouhada) em Beirute é um símbolo da resistência libanesa; o seu nome foi-lhe dado em 1931, evocando todos os que foram enforcados no local, durante a revolta contra os turcos, no período da I Guerra Mundial.

Após o canto final da paz, o Papa seguiu de carro para o Patriarcado de Antioquia dos Maronitas em Bkerké, para um encontro com jovens.

A visita ao Líbano encerra-se esta terça-feira, com uma oração silenciosa no local da explosão do porto de Beirute, que a 4 de agosto de 2020 causou a morte de mais de 200 pessoas; cerca de 6500 ficaram feridas e 300 mil pessoas perderam as suas casas.

A celebração conclusiva da viagem ao Líbano é a Missa na zona do “Beirut Waterfront”, junto ao Mediterrâneo.

Três Papas visitaram o Líbano, na era contemporânea: Paulo VI, em 1964; João Paulo II, em 1997; e Bento XVI, em 2012.

A primeira viagem internacional do atual pontificado iniciou-se na Turquia, a 27 de novembro.

Fonte: Agência Ecclesia

Romaria da Penha reúne cerca de 600 mil fiéis em João Pessoa



Romaria da Penha. | Crédito: Arquidiocese da Paraíba.

Por Nathália Queiroz

Cerca de 600 mil pessoas participaram da 262ª Romaria de Nossa Senhora da Penha, em João Pessoa (PB), na noite de sábado (29) e madrugada de domingo (30). Maior evento religioso da arquidiocese, a caminhada de 14 km reuniu romeiros vindos de diferentes cidades da Paraíba e de outros Estados.

“Eu via minha avó indo para a Romaria e sempre tive vontade de fazer o percurso inteiro também, e este ano criei coragem”, disse Clara Tereza Nascimento, 13 anos, segundo a arquidiocese da Paraíba. “Já na ladeira da Penha, eu pensei que não íamos conseguir, mas acredito que a fé nos deu força e chegamos”.

Clara fez a romaria junto com a avó e com sua irmã, Maria Cecília Nascimento, que caminhou pedindo por uma graça especial. “Estou concluindo o ensino fundamental I e na escola onde estudo não tem as séries seguintes. Eu caminhei pedindo a Nossa Senhora da Penha pela providência de uma nova escola tão boa quanto a que eu estudava”.

A Romaria da Penha acontece todos os anos na noite do último domingo de novembro. O tema da romaria foi “Com a Senhora da Penha, somos todos romeiros da Esperança e defensores da Ecologia”, em referência ao Jubileu da Esperança e à Campanha da Fraternidade 2025, cujo tema foi “Fraternidade e Ecologia Integral”.

O trajeto começou na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Centro, e seguiu até o Santuário da Penha, na Praia da Penha. Às 22h o arcebispo da Paraíba, dom Manoel Delson, fez a bênção e envio dos romeiros. A caminhada foi durante toda a madrugada, acompanhada por trios elétricos e grupos de louvor que puxavam cânticos, preces e jaculatórias.

O andor com a imagem de Nossa Senhora da Penha chegou ao santuário da Penha quando o dia estava amanhecendo e foi acolhido por dom Manoel que celebrou a missa de clausura da romaria.

“A Romaria da Penha é devoção, emoção, participação, confiança e súplica à mãe de Jesus e nossa mãe. A Virgem da Penha, aquela iluminada pelo sol!”, disse o arcebispo na homilia. “E que bom que esta celebração está sendo concluída quando o sol está nascendo. Iluminando não somente a imagem de Nossa Senhora da Penha, mas a todos nós. Trazendo o novo e nos fazendo renascer cheios de esperança para um novo tempo de alegria, de paz e renovação espiritual”.

A devoção a Nossa Senhora da Penha na Paraíba começou por volta de 1760, ainda no tempo da colônia, portanto. Na época, um grupo de navegantes portugueses enfrentou uma tempestade no litoral paraibano. Eles pediram a proteção de Nossa Senhora da Penha e prometeram construir uma capela dedicada a Ela onde aportassem em segurança. Eles conseguiram desembarcar na então praia de Aratu,

hoje chamada praia da Penha. Em 1763, foi construída a capela e a devoção a Nossa Senhora da Penha começou a crescer na região.

Fonte: ACIDigital

Terceiro vídeo falso de arcebispo de Salvador circula nas redes sociais, diz arquidiocese



Imagem do terceiro vídeo falso do arcebispo de Salvador, cardeal Sergio da Rocha | Captura de vídeo

Por Monasa Narjara

A arquidiocese de Salvador (BA) informou ontem (30) que, pela terceira vez, golpistas estão usando a imagem do arcebispo de Salvador, cardeal Sergio da Rocha, em um vídeo falso feito por meio de Inteligência Artificial (IA), para pedir ajuda financeira para o tratamento de uma criança. O vídeo está circulando nas redes sociais desde 15 de novembro, mas também em aplicativos de mensagens. Ele é semelhante aos dois últimos casos ocorridos em maio.

Segundo a arquidiocese, o novo vídeo, como os anteriores, “não foi gravado nem autorizado por dom Sergio da Rocha ou por qualquer organismo oficial da arquidiocese”.

“Reiteramos que essa iniciativa é fraudulenta e orientamos com veemência que nenhuma doação seja realizada para a conta mencionada no conteúdo divulgado”, disse a arquidiocese. Em nota, a arquidiocese pede que “os fiéis e toda a sociedade para que não compartilhem os vídeos falsos e não respondam a esse tipo de apelo enganoso”.

O atual vídeo também mostra o cardeal com a casula roxa e imagens de uma criança doente em uma cama de hospital. O suposto cardeal pede para a pessoa que assiste o vídeo fechar “os olhos por um instante” e imaginar que ela está “diante de Deus e Ele” dá “só uma chance” para a pessoa “pedir algo, uma coisa só”.

“Você ia pedir por você, por alguém que ama, pela cura de alguém?!”, pergunta o arcebispo produzido por IA. “Agora imagina se hoje você puder ser a resposta do pedido de outra pessoa. O nome dele é João, tem só seis anos e nos últimos meses a vida dele virou um campo de batalha dentro de um hospital”.

O vídeo falso do cardeal ainda diz que “o medicamento principal” da criança doente “acabou e o hospital não cobre a nova fase” e também a família “não tem mais de onde tirar” o dinheiro para o tratamento e “por isso criaram essa campanha para tentar continuar, para não deixar o tratamento parar logo agora que ele mais precisa” e pede para que a pessoa clique em um botão abaixo do vídeo e ajude financeiramente com qualquer valor.

A arquidiocese reforçou em seu comunicado que todas as ações oficiais da arquidiocese, incluindo campanhas solidárias e pedidos de contribuição, são divulgadas exclusivamente por meio do site oficial www.arquidiocesosalvador.org.br e pelas redes sociais institucionais da arquidiocese.

A nota ainda pede que “todos que, diante de qualquer dúvida, consultem sempre os canais oficiais e comuniquem imediatamente à assessoria de comunicação da arquidiocese quaisquer situações suspeitas, enviando e-mail para: contato@arquidiocesosalvador.org.br”.

Fonte: ACIDigital

Organização cristã celebra libertação de 24 meninas na Nigéria e denuncia impunidade dos sequestradores



Mapa da África | Shutterstock

Por Silas Isenja

A Christian Solidarity Worldwide (CSW) comemorou a libertação de 24 meninas que tinham sido sequestradas em 17 de novembro na escola secundária feminina Government Girls Secondary School, no estado de Kebbi, no noroeste da Nigéria.

Em um relatório publicado na quarta-feira (26), Scot Bower, diretor executivo da CSW, uma organização de direitos humanos com sede no Reino Unido, elogiou a eficácia das forças de segurança em conseguir a libertação das meninas e expressou preocupação com a falta de detenções dos responsáveis, que, segundo ele, continuam agindo com impunidade.

“A CSW comemora a libertação das 24 meninas sequestradas de sua escola no Estado de Kebbi no início deste mês”, disse Bower no relatório, destacando que o resgate foi realizado por meio de uma operação que envolveu unidades táticas da polícia, militares e grupos de vigilantes.

“O envio adicional de unidades táticas da polícia e de pessoal militar demonstra que as autoridades nigerianas são capazes de responder às ameaças terroristas na região”, acrescentou.

Mas, o diretor da CSW lamentou que “a escassez de informações sobre resgates em que os perpetradores parecem não enfrentar consequências não só é desconcertante, como também mina a confiança pública e o Estado de Direito”.

Segundo relatos, os agressores armados teriam entrado no recinto escolar escalando os muros por volta das 4h do dia 17 de novembro, assassinando o vice-diretor e deixando gravemente ferido um segurança, que depois morreu no hospital.

As meninas foram sequestradas pouco depois que um destacamento militar abandonou as instalações da escola.

Segundo o relatório da CSW, a libertação coincidiu com a notícia da morte do reverendo James Audu, da Igreja Evangélica Winning All (ECWA), na aldeia de Ekati, na área do governo local de Patigi, Estado de Kwara.

O líder religioso tinha sido sequestrado em 28 de agosto. Seus sequestradores exigiram inicialmente 100 milhões de nairas (cerca de US\$ 68.706), valor que foi negociado para 5 milhões de nairas (cerca de US\$ 3.460). No entanto, depois de receberem o pagamento acordado, os sequestradores exigiram mais 45 milhões (cerca de US\$ 31.100) e supostamente o assassinaram antes que as negociações pudessem continuar.

Também foi relatado o sequestro de pelo menos oito pessoas — dois homens e seis mulheres — na aldeia de Biresawa, na área do governo local de Tsanyawa, Estado de Kano, em um ataque armado ocorrido entre 23h e meia-noite do dia 24 de novembro.

Em 23 de novembro, treze jovens entre 15 e 20 anos foram sequestradas pela Província do Estado Islâmico na África Ocidental enquanto colhiam em terras agrícolas no Estado de Borno. Uma delas conseguiu escapar e afirma-se que a maioria dos habitantes fugiu da zona.

O Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas alertou que o aumento da insegurança no norte da Nigéria, incluindo o aumento dos ataques, está gerando níveis de fome sem precedentes, afetando especialmente as comunidades agrícolas rurais.

A Conferência dos Bispos Católicos da Nigéria publicou um comunicado em 25 de novembro, instando o governo a agir com firmeza para restabelecer a segurança e apontando vários fatos recentes, como o assassinato de mais de 70 pessoas, a destruição de pelo menos 300 casas e o deslocamento de mais de 3 mil famílias nas comunidades de Kufai Ahmadu e Chanchanji, na área do governo local de Takum, Estado de Taraba, em uma série de ataques perpetrados por milícias fulani.

Os bispos exigiram justiça para Deborah Emmanuel (também conhecida como Deborah Yakubu), a estudante cristã assassinada extrajudicialmente em sua escola no Estado de Sokoto depois de uma acusação não comprovada de blasfêmia, “uma vez que a impunidade nesses casos mina o Estado de Direito e coloca em risco os direitos de todos os cidadãos”.

No relatório, o diretor da CSW expressou suas mais profundas condolências à família, entes queridos e comunidade do reverendo James Audu, pela morte dele nas mãos dos sequestradores, e fez um apelo urgente para que essa ameaça seja detida.

“Apelamos a uma resposta decisiva diante do recente aumento de ataques e sequestros que, mais uma vez, são apenas uma amostra da violência que as comunidades cristãs têm sofrido nos estados do norte e centro da Nigéria há mais de uma década”, concluiu Bower.

Fonte: ACIDigital

Como uma ilha remota na Indonésia forma centenas de padres para o mundo



Seminaristas no Seminário Maior São Paulo, na ilha indonésia de Flores | Seminário Maior São Paulo, Flores, Indonésia

Por Bryan Lawrence Gonsalves

Cerca de 800 km a leste de Bali fica a ilha de Flores, um centro vocacional que fornece seminaristas não só para a Indonésia, mas também para comunidades católicas em todo o mundo. O catolicismo chegou lá no século XVI, quando comerciantes portugueses de especiarias levaram missionários para a ilha montanhosa e acidentada. Atualmente, a fé está profundamente enraizada e mais de 80% dos 2 milhões de habitantes da ilha são católicos.

Flores abriga vários seminários, a maioria concentrada em torno de Maumere, na costa norte da ilha. Congregações religiosas, incluindo a Sociedade do Verbo Divino (SVD), os Padres Somascos, os Rogacionistas, os Vocacionistas e os Carmelitas, têm seminários lá, criando uma densa rede de formação vocacional raramente encontrada em outros lugares da Ásia.

Natural de Flores, o arcebispo de Ende, Indonésia, dom Paulus Budi Kleden, SVD, enfatizou a importância da ilha não apenas para a Igreja indonésia, mas também para dioceses e congregações religiosas em todo o mundo.

“Muitos dos ex-alunos desses seminários estão trabalhando fora do país”, disse, destacando a contribuição da ilha para o clero global. Um próspero sistema de seminários menores também alimenta esse fluxo, que atualmente conta com 650 alunos matriculados no ensino fundamental e médio.

“Depois que os alunos concluem a escola, eles podem optar por dioceses ou diferentes congregações”, disse Kleden. “Não limitamos suas escolhas.”

Uma instituição notável em Flores é o Seminário Maior São Paulo, situado no topo da colina de Ledalero e fundado em 1937 pelos missionários do Verbo Divino. Começou com noviços SVD, mas logo acolheu jovens locais chamados ao sacerdócio, bem como estudantes de outras ordens religiosas. O seminário já formou quase 1,5 mil padres missionários SVD, com cerca de 500 servindo em mais de 70 países em todo o mundo.

Seminaristas do Seminário Maior São Paulo, na ilha de Flores, Indonésia, se unem em uma atividade noturna em grupo. Seminário Maior São Paulo

Em Ledalero, os seminaristas estudam Filosofia por quatro anos, seguidos por dois anos de Teologia, e completam um a dois anos de serviço pastoral antes da ordenação. Aqueles que discernem que o sacerdócio não é sua vocação podem deixar o programa a qualquer momento e obter um diploma de bacharelado na vizinha Escola Católica de Filosofia de Ledalero.

Segundo o padre Sefrianus Juhani, SVD, professor do Seminário Maior São Paulo, as vocações religiosas continuam “bastante dinâmicas”. Ele disse que o número anual de admissões depois do noviciado quase nunca cai abaixo de 50, o que vê como prova de que o espírito vocacional ainda está muito vivo na Indonésia, apesar dos desafios culturais e sociais.

A quantidade, porém, nunca é a prioridade do seminário. Juhani enfatizou que a formação em Ledalero visa formar homens emocionalmente maduros, disciplinados e espiritualmente fundamentados — padres honestos e apaixonados, prontos para servir, não para buscar fama ou status social. O caminho é longo e exigente, admitiu, “mas o objetivo nunca muda”.

Juhani apontou o mundo digital como um grande desafio para os seminaristas. “Nossos seminaristas vivem em um ambiente de informação acelerado”, disse. “Muitas vezes, esse ambiente propaga desinformação, notícias falsas e uma mentalidade míope”. Ele acredita que tais influências tornam mais difícil para os jovens cultivarem o silêncio e a reflexão, essenciais para o crescimento espiritual.

Para proteger esse espaço interior, o seminário impõe limites rígidos ao uso de aparelhos eletrônicos, com Wi-Fi disponível apenas durante certos horários — uma política criada para ensinar autorregulação e foco espiritual. “Alguns tentam burlar as regras”, admitiu Juhani, “mas vemos isso como parte da formação de caráter e da responsabilidade pessoal deles”.

As finanças representam outro desafio. Com mais de 320 seminaristas, os recursos são frequentemente escassos. Os padres e irmãos contribuem com tudo o que ganham, desde o ensino até pequenos projetos agrícolas, enquanto as famílias apoiam o seminário da maneira que podem.

Mesmo assim, os recursos raramente atendem às necessidades. Embora os seminaristas recebam uma bolsa mensal, eles ainda precisam administrar suas próprias finanças e, se acham que precisam de mais, trabalham nos campos para conseguir. Para desenvolver a autossuficiência econômica, a comunidade cultiva suas próprias hortas e cria porcos e galinhas para alimentação.

Os seminaristas vêm de uma ampla variedade de origens familiares. “Alguns vêm de famílias abastadas, outros de famílias humildes”, disse Juhani. Alguns cresceram como filhos únicos, outros entre muitos irmãos.

Essa diversidade, disse, enriquece ativamente a formação sacerdotal. Viver e estudar juntos ensina os seminaristas a construir uma “irmandade intercultural, interlinguística e interpessoal”, uma solidariedade que se torna central para sua identidade sacerdotal.

Um seminarista realiza atividades pastorais em uma escola local na ilha de Flores, Indonésia. Seminário Maior São Paulo

A vida cotidiana em Ledalero segue um ritmo disciplinado de oração, estudo e trabalho. As manhãs começam com meditação e missa, antes de passar para palestras, trabalhos escritos e trabalho manual que incutem “responsabilidade, trabalho em equipe e humildade”. Os seminaristas preparam suas próprias refeições e passam as noites participando do coro, oficinas de redação e clubes culturais, desenvolvendo a confiança, a criatividade e as habilidades sociais essenciais para o futuro trabalho pastoral.

Nos fins de semana, os seminaristas vão a uma comunidade mais ampla — orientando jovens, hospedando-se com famílias da aldeia, visitando prisioneiros e pacientes que vivem com HIV.

A formação deles não se limita às salas de aula. Quando o Monte Lewotobi entrou em erupção em julho e novamente em outubro, os alunos de Ledalero estavam no local, ajudando nos esforços de evacuação e socorro. Esses encontros, disse Juhani, têm como objetivo cultivar um espírito de serviço e solidariedade, colocando os seminaristas junto com as pessoas que eles esperam servir nos próximos anos.

Seminaristas ajudam vítimas da erupção do Monte Lewotobi na ilha de Flores em julho de 2025. Seminário Maior São Paulo

“Ledalero não é apenas um lugar para aprender Teologia, mas uma escola de vida”, disse Juhani. A vida comunitária simples, fraterna e curiosa tornou Ledalero um centro de formação vivo e pulsante na Indonésia.

Todos os anos, novos jovens chegam com histórias diferentes, sonhos diferentes e o mesmo desejo de servir a algo maior do que eles próprios. Nas suas orações matinais, nos seus longos dias de estudo e nas suas refeições partilhadas, cozinhadas em fogões simples, eles levam adiante uma vocação que se recusa a desaparecer.

Fonte: ACIDigital
